

Previsões equivocadas sobre o México

Em novembro de 1994, a revista inglesa *The Economist* publicou uma



extensa reportagem na qual enaltecia a recuperação dos países latino-americanos. O Brasil era citado como um exemplo de estabilização bem-sucedida a curto prazo. O México, que há muito já controlara a inflação, era tido como o modelo econômico para os demais países da região.

“O México se recuperou de sua estagnação. Ernesto Zedillo, que assumiu a Presidência em 1º de dezembro, prevê um cresci-

mento de 4% este ano”, dizia a publicação, acrescentando que o governo saíra de um déficit de 15% do Produto Interno Bruto, em 1987, para um pequeno superávit.

Em outro trecho, a reportagem explicava que uma das bases da estabilização era a âncora cambial. Por esse sistema, o governo usava suas reservas em dólar para comprar ou vender dólares, mantendo a cotação da moeda americana sob controle e garantindo, assim, a estabilização de preços internos. Outro ponto em destaque, pelo qual a *The Economist* classificava o desempenho do México como “espetacular”, foi a abertura do

país às importações e as privatizações.

Menos de um mês depois, em 20 de dezembro, o país mergulhou na sua mais profunda crise financeira. Sem reservas, o governo alargou em 15% a faixa de flutuação do dólar (banda cambial), o que provocou imediata desvalorização do peso mexicano e uma fuga de capitais externos que quase levou o país à bancarrota.

Em poucas semanas, a inflação corroeu o aumento real de salários que fora conquistado nos últimos anos, o desemprego subiu a níveis superiores ao verificados antes da estabilização e a indimplência chega em alguns casos a 30%.